

ENTREVISTA COM CELSO SILVA GONÇALVES, DIRETOR DO CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO, DO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE (IFSUL)

Celso Silva Gonçalves

Graduado e Mestre em Agronomia - UFSM . Doutor em Ciências do Solo - UFSM
Diretor do campus Santana do Livramento do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul)

Entrevistador: Márcio Estrela de Amorim

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFSM
Professor de Geografia no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), campus Gravataí
E-mail: marcioestrela@hotmail.com

Celso Silva Gonçalves é graduado e mestre em Agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e possui doutorado em Ciências do Solo, pela mesma Universidade. Pertence ao quadro de servidores da Rede Federal de Educação desde 2006, tendo atuado como professor, pesquisador e gestor. Atualmente exerce o cargo de diretor no *campus* Santana do Livramento, do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), direcionando esforços para o fortalecimento da parceria binacional entre o IFSul, a Universidad Tecnológica del Uruguay (UTEC) e o Consejo de Educación Técnico Profesional - Universidad del Trabajo del Uruguay (CETEP-UTU). O *campus* Santana do Livramento apresenta como peculiaridade a oferta de cursos técnicos (e agora superiores) com certificação binacional e reconhecimento pelos governos do Brasil e do Uruguai.

A entrevista foi realizada no dia 12/11/2018, poucos dias antes da assinatura do anexo ao protocolo de intenção entre a CETEP-UTU, a UTEC e o IFSul, firmado em Rivera (Uruguai) no dia 26/11/2018. Tal acordo viabilizou a oferta de cursos superiores binacionais pelas instituições parceiras, na fronteira entre os países. Simultaneamente à assinatura do acordo, ocorreu a inauguração do Instituto Regional Norte (ITR), da UTEC, em Rivera. O evento contou com a presença do Presidente do Uruguai - Tabaré Vázquez -, da Vice Presidente do Uruguai - Lúcia Topolansky -, do Intendente departamental de Rivera, assim como de autoridades do IFSul, entre elas o diretor Celso Silva Gonçalves, o reitor Flávio Nunes e demais pró-reitores do Instituto.

Desde o início do ano letivo de 2019, o IFSul e a UTEC oferecem vagas em seus novos cursos superiores, com reciprocidade quanto ao aceite de alunos da nacionalidade vizinha, assim como certificação com reconhecimento binacional.

Márcio: Como foi o surgimento do binacional, de onde partiu a ideia de criar cursos binacionais ou uma escola binacional e como o IFSul está posicionado - mais especificamente o campus - nessa origem?

Celso: Eu não estou aqui desde o início. Meu histórico é a experiência que vivi na UFSM. Ao analisarmos a história da UFSM e compararmos com outras grandes universidades, como a Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, elas foram criadas a partir de um processo de internacionalização. Eu acho que o binacional não é nada menos que uma internacionalização do ensino e, no caso, do ensino técnico. Com a criação dos Institutos Federais (IFs), criaram-se muitas escolas novas e algumas deles em faixa de fronteira. Foi realizada uma internacionalização a partir de um roteiro que não estava escrito. A ideia é perfeita e foi construída há dez anos no acordo binacional para cursos técnicos, firmado entre Brasil e Uruguai. Agora estamos tentando inserir um apêndice para aprovação dos cursos superiores. Embora tenha sido um processo de internacionalização que não tinha um roteiro, ele está muito próximo do que foi a internacionalização das universidades. No último processo seletivo nós tivemos mais de cinco ônibus vindos de Tranqueiras, Vichadero e de outras cidades do Uruguai. Isso porque o binacional não é Santana do Livramento e Rivera, o binacional é Brasil e Uruguai. O projeto materializa-se em Santana do Livramento e Rivera porque aqui estão as duas escolas parceiras, mas eu posso receber alunos de Rosário, São Gabriel, de outros municípios brasileiros também.

122

M: O objetivo então não é necessariamente Santana do Livramento e Rivera, o objetivo é Brasil e Uruguai?

C: Exatamente. É claro que os Institutos estão alocados pra atender as necessidade regionais, mas nada impede que um aluno de outra localidade venha estudar conosco e construir o conhecimento aqui. O nosso curso superior agora, com o processo seletivo por vestibular, pode atrair alunos até do nordeste, por exemplo, embora a maior demanda seja daqui, é claro. É importante que, quando se trata de ensino, a sociedade compra muito bem essa ideia, por isso que nós devemos crescer, e temos cada vez mais visibilidade, cada vez mais abrimos a porta desse campus e do projeto para Livramento e Rivera e agora para Intendência e para os municípios da redondeza. O fato é que muitas coisas estão surgindo hoje com o nome binacional. Um exemplo é o Festival Enogastronômico Binacional, um evento que existe há cinco anos, enquanto nosso projeto tem dez. Atualmente recebemos a proposta de criação de um restaurante binacional e o SIEPE (Salão

Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão) também binacional, porque foi construído em parceria com o Uruguai.

M: A que você atribui essa ampliação e aplicação do termo binacional?

C: Porque as pessoas, a partir do nosso projeto, começaram a perceber que é possível uma efetiva parceria, embora nós tenhamos entraves que parecem até piada. Se tu pensares que não existe uma linha de ônibus entre Livramento e Rivera.

M: Quais obstáculos estão atrapalhando o fortalecimento da expansão do binacional?

C: Tem vários obstáculos que podem ser transpostos, mas os obstáculos são de dois países que não se enxergam vizinhos, isso acaba dificultando. Um exemplo é a dificuldade em passar de carro para o outro lado, isso impede a mobilidade de professores; outro é a ausência de linhas de ônibus, que dificulta o acesso dos alunos. Nós temos demanda para darmos aula no outro lado da fronteira, mas legalmente eu não posso, pois a legislação impede ou dificulta. Outro grande obstáculo é a alocação de recursos, uma vez que recursos de uma escola não podem ser alocados na escola parceira de outra nacionalidade. Posso citar ainda a construção do Projeto Político Pedagógico (PPC) dos cursos, que tem que ser escrito em português e em espanhol. Destaco ainda como que a compreensão do binacional para as pessoas que não estão aqui, é uma grande dificuldade. A nossa reitoria que está em Pelotas e tem grande dificuldade para entender o que é o Binacional.

123

M: Como é que se dá esse trânsito de informação entre reitoria e campus. As iniciativas partem de lá ou daqui?

C: Nós temos Reitoria, Diretoria de Assuntos Internacionais e Pro-reitoria de Ensino, mas ocorre troca de pessoas que fazem esse trabalho no binacional (Leitura e aprovação de PPC, revalidação de diploma, etc.) e isso dificulta a continuidade do mesmo. Eu acho que nessas equipes precisaria ter um quadro funcional de carreira que independa da troca de reitores. Dessa forma, não precisaríamos, a cada troca, convencer pessoas novas. Noutra escala, em Brasília, desde que entrei aqui, já estamos no terceiro secretário da SISTEC (Sistema Nacional de Informação da Educação Profissional e Tecnológica). Então, o projeto foi apresentado primeiramente para um secretário que não conheci, depois expliquei para outro e agora tem um novo secretário e temos que explicar tudo novamente do zero. Este secretário teve uma boa iniciativa na ideia de realizar 15 reportagens sobre experiências inovadoras e diferenciadas dos Institutos Federais – provavelmente uma delas será a

nossa. Penso que com um vídeo de 15 minutos teremos a oportunidade de levar isso para outras pessoas. Essa venda do projeto é constante, é diária. As experiências inovadoras precisam ser contadas em livros e em trabalhos científicos.

M: O campus é idealizado como uma escola binacional ou como uma escola brasileira que oferece cursos binacionais?

C: Cada vez mais eu acredito que o campus é binacional. Se fosse um campus brasileiro que recebe alunos uruguaios, eu não precisaria me importar com: a legislação uruguaia, com linhas de ônibus daquele país, nem com o desenvolvimento do ensino do Norte do Uruguai e na Metade Sul do Rio Grande do Sul juntos. Eu considero e costumo dizer que esse é o projeto mais audacioso dessa região, desde sua existência, assim como eu considero os Institutos Federais o projeto mais audacioso de ensino técnico no Brasil. Então, sem dúvida, nós somos um campus binacional.

M: Quanto aos alunos, o fato do campus ter metade dos alunos uruguaios apresentou quais demandas específicas?

C: No início tínhamos dificuldade com a compreensão da língua, mas hoje é algo muito simples. Outras coisas tornaram-se corriqueiras. Por exemplo, o horário – nós temos horário de verão e o Uruguai não tem – Como tu convive com isso? Um aluno que está no Uruguai perde 1 hora durante esse período. Mas ele já sabe que é durante um período, os professores já sabem que é durante um período, já virou habitual. O nosso calendário acadêmico leva em consideração o Brasil e Uruguai.

M: O calendário hoje prevê os feriados nacionais uruguaios?

C: Não todos, mas prevê como dia letivo a participação no desfile de Independência do Uruguai. Na Copa do Mundo, se Brasil ou Uruguai estivessem nas oitavas de final, não teria aula nesses dias. Na Copa do Mundo, veio uma normativa do MEC dizendo como seria o expediente com base no jogo do Brasil, mas e os nossos alunos uruguaios? Temos que ir adaptando, mas esse processo já está naturalizado.

M: O campus tem no seu PPC uma atenção diferenciada para a questão linguística?

C: O espanhol é curricular. Orientamos todos os professores que os alunos podem fazer perguntas e responder prova em espanhol. O professor vai corrigir em espanhol, não pede para aluno traduzir, isso já é política institucional.

M: E a relação entre os alunos? Sabemos que culturalmente, em alguns setores como futebol, a nacionalidade é muito afluada. A gente vê isso aqui? Como tu percebes as relações afetivas entre os alunos?

C: Como a própria construção de história entre fronteiras, o que acontece aqui reflete o que acontece lá fora. Não tem como eu dizer que os alunos têm um mesmo perfil. Eles apresentam a diversidade que percebemos na sociedade. No entanto, buscamos construir uma história de harmonia. Como estamos numa instituição de ensino temos mecanismos para fazer isso dentro da própria política institucional. Claro que sempre irão existir rivalidades, como acontece entre o Grêmio e o Internacional, mas isso não impede que eu conviva em plena harmonia e nós, como instituição de ensino, imprimimos isso, pois trabalhamos com educação e não somente escolarização. Buscamos fazer isso de várias formas e a principal delas é a socialização, que, por sua vez, se reflete em vários temas, desde política, questões de gênero, de raça e religião. Se tem um lugar que dá para fazermos isso é aqui, numa instituição de ensino. Seja na semana acadêmica, numa palestra sobre sexualidade, ou na apresentação de trabalhos em amostra, na pesquisa, na extensão, etc.

M: Qual o perfil do aluno que procura uma formação nos cursos binacionais?

125

C: O interesse do aluno do Ensino Médio Integrado hoje, na maior parte, é de prestar vestibular. Nós tivemos turmas em que, no máximo, dois não prestaram vestibular porque tinham outros objetivos. Outro perfil é o aluno dos cursos subsequentes, que procuram o curso técnico com interesse de entrar no mercado de trabalho diretamente ou de criar uma empresa. No nosso curso de energia renovável, os nossos alunos são muitos voltados para o empreendedorismo. A inovação é muito importante, ela alavanca pesquisa, extensão, a criação de ideias e a percepção do aluno para o mercado de trabalho. Muda a percepção de ocupar uma vaga para criar sua própria vaga ou mais. No concurso de 'Ideias Inovadoras' – que envolve o IFSul e outras instituições – entre mais de 40 ideias, o segundo e o terceiro colocados foram nossos. Nesse ano, dois alunos foram convidados para apresentar trabalho na Escócia. Nós temos uma plataforma onde a gente fornece todos os dados institucionais. Ali tem pelo menos uma tabulação das características do aluno.

M: O plano institucional para o campus Santana do Livramento é de todos os cursos serem oferecidos na modalidade binacionais?

C: Em nenhum momento nós pensamos em curso de revalidação. É diploma binacional, sempre! Essa é a ideia desde o princípio e nosso diferencial. Revalidação já é feita no Brasil, agora binacional só nós fazemos.

M: O foco imediato é conseguir operacionalizar os cursos de nível superior ou tem mais algum objetivo a curto prazo?

C: Os cursos superiores estão em via de serem lançados. Estive recentemente conversando com Wilson Neto, representante da Administración Nacional de Educación Pública (ANEP) e responsável pelo comando de todo ensino do Uruguai. Tratamos sobre o desenvolvimento de materiais de divulgação mais elaborados, como um livro ou um *folder* ampliado. Esperamos poder divulgar melhor os cursos já ofertados, assim como ofertarmos os novos Cursos Superiores Binacionais.

M: Celso, muito obrigado pela oportunidade. Boa sorte nesta caminhada!

C: Eu que agradeço.

Recebido em: 21/02/2019
Aceito em: 31/05/2019